

vivência comunitária e os valores evangélicos. O retorno ao Sagrado, tão típico dos movimentos intimistas, não deve fazer com que a comunidade cristã retroceda para o mundo da religiosidade tradicional, deixando de lado a parte social do Evangelho e, especialmente, a opção preferencial e profética pelos pobres.

4. A Encarnação do Filho de Deus dá a coragem de enfrentar o desafio de encarnar a espiritualidade na realidade urbana e inculturar a fé e o Evangelho nas grandes massas des-cristianizadas. Como o Apóstolo Paulo, que não desanimou quando saiu frustrado do areópago em Atenas, nós, também, como agentes de Pastoral, não podemos ficar inseguros, medrosos e desanimados quando experimentamos a tensão interna entre

movimentos religiosos e comunidades, entre evangelizadores e sacramentalizadores. O olhar sobre todo o conjunto da cidade nos ajuda sair da auto-suficiência e de abrir-nos à missão evangelizadora atendendo a verdadeira essência da Igreja que é missionária. Se o Mestre nos chamou para ser “*sal da terra, luz do mundo e fermento na massa*”, precisamos acreditar na sua promessa e na certeza da sua presença e na luz constante do Divino Espírito Santo na nossa caminhada.

Síntese da Tese de Doutorado em Teologia Pastoral apresentada pelo *Pe. Lourenço Gauci* na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

CORPOREIDADE E CONJUGALIDADE NO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

Altimira de Sampaio Pinto Saraiva

INTRODUÇÃO

A Corporeidade é elemento essencial para a realização plena do sacramento do Matrimônio. Os cônjuges, fiéis à promessa que fazem no dia de seu casamento, vivem a conjugalidade, que consiste em levar até as últimas conseqüências o que juraram diante de numerosas testemunhas.

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre a corporeidade e a conjugalidade existentes no relacionamento do casal. Marido e mulher transbordam no coração do outro a plenitude do amor de Deus, traduzindo esse amor através de seus próprios corpos.

Os dois termos: corporeidade e conjugalidade, embora não sinônimos, se entrelaçam no decorrer do trabalho e assim como o corpo e a alma fazem parte de um todo, assim também a corporeidade e a conjugalidade se complementam, fazendo parte integrante da vida do casal unido pelo sacramento do Matrimônio.

Essa monografia mostra que o conceito de Corporeidade entende o ser humano como um todo, sendo de interesse da Teologia Moral, em seu

conjunto, afirmar que tanto a carne como o espírito precisam ser evangelizados.

O conceito que entende o ser humano como um ser total está presente tanto na Bíblia, como nos primeiros documentos da Igreja como também na obra do Pe. Henri Caffarel, fundador do movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS).

O texto bíblico escolhido para a reflexão sobre conjugalidade e corporeidade foi o Cântico dos Cânticos, dos documentos da Igreja primitiva foi escolhida a Carta a Diogneto e da obra do Pe. Caffarel, o livro Amor e Graça

No Antigo Testamento, o homem bíblico é corpo, espírito e coração que não são componentes mas dimensões do mesmo ser. Assim sendo, não há dualismo entre corpo e alma para o Antigo Testamento. Do corpo nasce a história do Povo de Israel e na história o corpo faz-se humano; é na história do ser humano que o Povo de Israel vive o processo de sua caminhada através da História da humanidade.

Nos primeiros documentos da Igreja, como na Bíblia, também não há dicotomia entre alma e corpo, para os primeiros cristãos o corpo é o lugar da experiência da graça e de relação com Deus.

A experiência da corporeidade não depende da perfeição dos corpos; ela vai muito mais além; Jesus Cristo tem especial carinho com os corpos deformados, *"todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os"* (Lc4,40).

O fundador das ENS, Pe Henri Caffarel, fala da importância da carne no amor humano, diz ser difícil ao cristianismo, que através dos tempos de cristandade pregou a dicotomia carne e espírito, determinar que lugar deve-se dar à carne. Afirma que o homem não é feito de dois elementos contraditórios. Para Caffarel, o homem é um todo, uma unidade criada à imagem e semelhança de Deus e que precisa ser evangelizado. Para ele, todo dualismo deve ser rejeitado.

O presente trabalho pretende mostrar que a corporeidade tem fundamental importância no relacionamento humano, sendo a base da conjugalidade, aspecto absolutamente necessário para a realização plena do sacramento do matrimônio.

Este trabalho pretende mostrar que assim como alma e corpo formam um todo que é o ser humano, no sacramento do matrimônio corporeidade e conjugalidade, embora diferentes, também formam um todo que não só possibilitam, como também tornam mais fácil e acessível a felicidade da vida a dois.

1. CORPOREIDADE E CONJUGALIDADE NO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Neste capítulo, será analisado o Cântico dos Cânticos em que a corporeidade é cantada com grande beleza e encantamento. O Cântico dos Cânticos celebra, numa série de poemas, o amor do amado e da amada. Na beleza de seus versos, aparecem todas as características da conjugalidade, pois a doação total do amor conjugal se alimenta de paixão, de corporeidade, de *eros*, de solidariedade e de humanidade.

O presente poema mostra a total integração entre a conjugalidade e a corporeidade. Não pode existir pleno exercício de conjugalidade sem que haja pleno exercício da corporeidade, uma e outra se completam como alma e corpo se completam formando um todo.

Este livro do Antigo Testamento não fala diretamente de Deus, mas fala do amor que une marido e mulher. Emprega uma linguagem de amor apaixonado tendo indícios de ser de uso popular.

Foi escrito tendo em vista o casal, que colocado no centro de um simbólico jardim, representa o eterno e comum casal que habita e povoa a face da terra. O casal descrito neste lindo poema está envolto na ternura e na força do amor, e tem profunda convicção e fé de que seu amor é forte como a morte *"Grava-me, como um selo em teu coração, como um selo em teu braço; pois o amor é forte, é como a morte!"* (Ct 8,6).

O Cântico dos Cânticos foi utilizado na liturgia judaica para celebrar a fidelidade de amor entre Javé e seu povo, e na liturgia cristã para celebrar a Aliança nupcial de fidelidade entre Cristo e a Igreja, porém – antes de tudo – celebra o amor humano numa pungente profissão de amor e fidelidade que aponta, em sua grandeza, para o amor infinito de Deus.

Pode-se buscar a origem desses poemas nas festas de casamento. Os judeus do século I de nossa era, também cantavam o Cântico dos Cânticos nessas festas e continuaram a cantá-lo apesar das proibições do rabi

Aquiba, decorrentes das dúvidas quanto à sua canonicidade. Essas dúvidas foram resolvidas pela tradição, pois os poemas fazem parte de uma coleção de cânticos que celebram o amor mútuo e fiel que o matrimônio sacramentaliza.

Sua autoria é atribuída ao rei Salomão. Porém, sabe-se que o uso de palavras persas e de origem aramaica impõe uma data posterior ao Exílio da Babilônia. O Cântico dos Cânticos é composto por um conjunto de cinco poemas que não seguem nenhum plano definido, mas têm como tema comum o amor.

É um conjunto de poemas bucólicos que apresentam animais (filhote de gazela, égua, rebanho, cabras e ovelhas, raposas, leões, panteras), plantas (trigo, romã, palmeira, macieira, açucena), natureza (rios, montanha, monte, colina, deserto jardins, brisa), sabores deliciosos (leite, favo de mel, vinho) e perfumes suaves e preciosos (o perfume de tuas roupas é como fragrância do Líbano).

Quanto à temporalidade, trata do tempo presente, não faz alusão nem ao passado nem ao futuro; **"Sou um narciso de Saron"**, **"Minha amada eu te comparo à égua"**, **"vem correndo pelos campos"**. Os tempos verbais mostram o amor que existe no

presente momento, não canta sentimentos que já passaram ou que se espera ocorrerem no futuro. Os pronomes pessoais abundam nesse poema mostrando a total intimidade e a integração corporal; o uso dos pronomes possessivos comprova a emocionalidade do texto: "*O meu amado é meu e eu sou dele* (Ct 2,16).

Quanto aos costumes, retrata costumes tribais onde a mulher pode falar em primeiro lugar. Pode-se dizer que esse poema é dedicado à feminilidade, pois aqui a mulher é protagonista e, por isso, muito livre e espontânea. Neste poema cheio de vida e alegria, ela usa 31 vezes a palavra *dodî*, que é um apelido carinhoso de origem assíria que quer dizer "*o meu amado*" ou "*benzinho*" ou outro apelido afetuoso que os namorados criam em sua intimidade.

O poema também retrata hábitos do tempo da monarquia, fazendo alusão ao vinho e ao óleo, "*óleo escorrendo*" e "*o amor é maior que o vinho*" que são símbolos da unção e da presença do vinho, próprios do período monárquico. Retrata também a monarquia, quando explicitamente refere-se ao amor do rei Salomão por Sulamita "*É a liteira de Salomão!*", "*volta-te, volta-te, Sulamita*".

A corporeidade e a conjugalidade cantadas no Cântico dos Cânticos são livres, espontâneas e soltas: os amados trocam carícias, beijam-se, soltam seus corpos, correm pelos campos e exultam, de alegria. A conjugalidade é um sentimento alegre, simples e também ingênuo, amado e amada brincam numa eterna festa, se movimentam com agilidade; correm, passeiam sob os cedros, são curiosos, como crianças pois espreitam e espiam pelas grades, usam seus corpos com naturalidade, portanto sua corporeidade é espontânea, ingênua e pura.

Contemplar é um verbo próprio do ser que ama. Ao se contemplarem, amado e amada vão se descobrindo reciprocamente. A beleza física de um e de outro é desvelada aos poucos e com delicadeza: "*minha amada formosa vem, deixa-me ver tua face, deixa-me ouvir tua voz*". O amado e a amada sentem necessidade de se conhecerem mais profundamente um ao outro. Para a conjugalidade, amar é conhecer.

Há nos poemas um refrão que, pela repetição, reforça a idéia de fidelidade recíproca: "*meu amado é meu e eu sou dele*". A fidelidade, cantada nos poemas, é o elemento sem o qual a conjugalidade não existe. Aqui a fidelidade se manifesta através da

corporeidade; quando a corporeidade é a expressão máxima de amor, não há lugar e nem é possível a infidelidade.

Há momentos em que a amada e o amado se separam; a conjugalidade faz com que um saia à procura do outro com muita naturalidade: "*procurei-o e não o encontrei*". Quando acontece, o encontro é uma festa, uma alegria sem par, não há cobranças, nem mágoas "*encontrei o amado de minha alma*". A alegria do encontro nos remete à alegria do reencontro, sempre presente nas parábolas de Jesus, onde o Pastor se rejubila por ter achado a ovelhinha perdida, a mulher fica feliz quando encontra a moeda perdida e o Pai misericordioso exulta com a volta do filho que se achava perdido.

Outra característica do amor no Cântico dos Cânticos é a liberdade e naturalidade com que se lida com o corpo. É natural a mulher sentir atração por seu marido "*Eu sou do meu amado, seu desejo o traz a mim*". Também é natural o marido exprimir a paixão pela amada "*Como és bela, quão formosa, que amor delicioso!*" Esses versos nos remetem à pureza presente no livro do Gênesis, onde homem e mulher, embora estando nus, não sentem vergonha de seus corpos.

Nos poemas, esse sentimento se repete, amado e amada expressam, em seus corpos, a felicidade e a fidelidade que os une pois "*eles se tornam uma só carne*" (Gn 2,24).

A corporeidade e a conjugalidade apresentadas nestes poemas formam um todo e são de extrema delicadeza e sensibilidade. Cantar a beleza física ou fazer elogios faz parte dessa sensibilidade. A beleza é cantada naturalmente tanto por ele como por ela "*Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua*", "*pomba minha sem defeito*", ou então, "*o meu amado é branco e rosado, saliente entre dez mil, sua cabeça é ouro puro*", "*seus olhos...são pombas à beira de águas correntes*".

O amor conjugal integra de forma absoluta e definitiva vários sentimentos: alegria, prazer, beleza, busca, encontro, cumplicidade, interesse pelo que o amado faz, êxtase, carinho, entrega e gratuidade que, fundidos, têm como resultado a fidelidade mútua e indissolúvel.

O Cântico dos Cânticos, na beleza de seus versos, afirma que gratuidade, fidelidade e indissolubilidade são características sempre presentes no verdadeiro amor: "*As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quises-*

se alguém dar tudo o que tem para comprar o amor seria tratado com desprezo" (Ct 8,7-8).

As características do amor conjugal, descritas de forma ímpar neste livro do Antigo Testamento, só podem ter origem no mais belo e puro Amor que é Deus Uno e Trino.

2. CORPOREIDADE E CONJUGALIDADE NA CARTA A DIOGNETO

2.1 Carta a Diogneto

A carta a Diogneto é um breve documento da Antigüidade Cristã. Não se tem ainda certeza da data de sua origem; pensa-se que date do século II; também é incerta a sua autoria.

Seu conteúdo está distribuído em doze capítulos e mais uma exortação final. Trata-se de uma belíssima obra literária, sendo uma apologia do cristianismo, face ao judaísmo e ao paganism.

É uma carta endereçada a Diogneto, que pelo texto, deve ser um ilustre personagem pagão, interessado em conhecer e saber como vivem os cristãos.

A autoria da carta, ainda não muito bem esclarecida, é atribuída por alguns a Panteno, predecessor de Cle-

mente de Alexandria no ensino filosófico, e por outros, a Quadrato, embora sabendo-se que a apologia de Quadrato tenha se perdido. Paul Adriessen afirma, em sua tese, que a carta "*não é outra coisa que a apologia de Quadrato*". A despeito de todas essas hipóteses o autor da Carta a Diogneto continua até agora desconhecido.

Alguns colocam seu autor entre os Padres Apostólicos, outros o colocam entre os Padres Apologistas; o importante é saber que se trata de um documento de grande valia sobre a vida cristã dos primeiros tempos e merece ser colocada entre os documentos "de primeira grandeza" dos dois primeiros séculos do cristianismo.

Os capítulos 11 e 12, como também a exortação, não são consideradas do mesmo autor do resto da carta; o autor desses capítulos se considera discípulo dos Apóstolos e mestre dos pagãos. Sabe-se que até o segundo século o termo apostólico é devido àqueles que, de alguma maneira, se mantiveram em contato com os Apóstolos, não obrigatoriamente sendo um dos doze.

O conteúdo da carta pode ser dividido em duas partes: a primeira combate a idolatria e o judaísmo e a se-

gunda é uma apresentação da vida cristã. O autor descreve o agir cristão fundado na fé cuja origem está em Deus.

2.2 Vida dos cristãos

Para a Teologia Moral, a carta a Diogneto é de suma importância, uma vez que nela estão descritos os usos e costumes dos primeiros cristãos. No presente trabalho, será objeto de reflexão a seguinte perícopre: "*Casam-se como todos os homens e como todos procriam, mas não rejeitam os filhos. A mesa é comum; mas não o leito. Estão na carne, mas não vivem segundo a carne.*" (Capítulo 5,6)

Nessa perícopre pode-se observar que o casamento sempre foi comum entre os cristãos, assim como era comum entre os pagãos "*Casam-se como todos os homens*". As diferenças surgem a partir da conjunção adversativa *mas*, é ela que aponta as diferenças de costumes entre uns e outros.

Os cristãos não *rejeitavam* seus filhos, dá a entender que se o fato de não rejeitar os filhos serve para distingui-los dos pagãos, pode-se crer que era hábito ou costume pagão rejeitar os filhos não desejados. É costume cristão, desde os primeiros tempos,

aceitar a prole que Deus manda, portanto pode-se concluir que o aborto e o abandono de crianças sempre foi condenado pela Igreja de todos os tempos, e que eram costumes próprios dos pagãos daquele tempo.

A mesa é comum, partilhar os alimentos em família era hábito comum entre os cristãos e também devia ser entre os pagãos e judeus daquele tempo. Mesa comum também pode ser entendida como costume social, isto é recebiam visitas ou hóspedes com quem partilhavam a alimentação. A Teologia da Mesa tão presente em São Lucas, continua presente na carta a Diogneto.

O traço distintivo entre os costumes pagãos e cristãos está no partilhar o leito. *Menos o leito* essas poucas palavras servem para afirmar, de um lado que era hábito entre os pagãos partilhar o leito fora do casamento, pois se casavam como todo o mundo para partilhar o leito, ou tinham vários casamentos ou, promiscuamente, coabitavam fora do casamento. De outro lado, essas poucas palavras afirmam que para Jesus Cristo os cristãos devem ser fiéis ao cônjuge desde o princípio.

Mas não o leito define toda uma teologia do sacramento do Matrimônio. Aqui, a palavra *leito* está relaci-

onada ao verbo *casar*, leito e casamento. Nesta perícopie, fazem parte de um mesmo todo; leito e casamento estão intimamente ligados, assim com estão também ligados à geração dos filhos. Estão aqui expressas as bases do sacramento, que pelo amor cuidam da perpetuação da espécie, da complementação total dos esposos, da paz do corpo e da alma.

Não colocar o leito em comum é a base ou a essência que dá força às promessas feitas na hora da celebração do sacramento; ao dizer "*eu te prometo ser fiel*" os cônjuges estão se comprometendo a não dividir seu leito com mais ninguém. A natureza fez do leito conjugal o excepcional lugar de viver o abençoado coroamento do amor humano.

A carta a Diogneto encerra um comportamento moral bem claro, diz ser a mesa comum à família e à comunidade, porém o leito é propriedade exclusiva do casal.

2.3 *A alma no corpo, os cristãos no mundo*

A segunda parte da perícopie está intimamente ligada à união entre corpo e alma e à presença dos cristãos no mundo, o que está muito bem explicado no início do sexto capítulo onde

está escrito "*assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo*"

Os capítulos 5 e 6 da Carta a Diogneto descrevem os usos e costumes da vida dos primeiros cristãos, o seu testemunho de amor e qual o papel que exerciam na sociedade pagã em que viviam. Para o autor da carta "*os cristãos desempenham no mundo a mesma função que a alma desempenha no corpo.*"

Os cristãos dos primeiros tempos não tinham a visão dualista encontrada na filosofia grega que valoriza a alma em detrimento do corpo; eles estão muito mais próximos dos ensinamentos bíblicos que da filosofia de Platão ou de Plotino.

A Bíblia não fala de naturezas distintas; ela fala de situações: o homem bíblico é corpo, espírito e coração, do que não são componentes do ser, mas sim dimensões do ser humano como um todo.

Alma e corpo formam a pessoa humana completa, estando essa pessoa humana mergulhada no mundo onde vive. Através do corpo, o ser humano se relaciona com os outros seres humanos pela afetividade, pela valorização dos relacionamentos e também pela valorização da vida em família.

A presença do cristão no mundo, segundo o próprio Jesus Cristo, é semelhante ao grão de mostarda e ao fermento que leveda a massa: tem um começo modesto, mas um grande desenvolvimento e poder modificador.

O cristão, no mundo, faz história. A história se faz através do que é real. Tudo o que é corpo no homem é real; desta forma, é pela corporeidade que o ser pessoa age, à medida que age, se aproxima do próximo e se aproximando do próximo, se aproxima de Deus.

O corpo humano é valorizado em Cristo que se fez homem entre os homens; como Cristo, os cristãos vivem no mundo, nele sofrem e se multiplicam: "*isso pertence ao poder de Deus e prova a sua presença*" (Diogneto 7,9)

3. CORPOREIDADE PARA AS EQUIPES DE NOSSA SENHORA

3.1 *Amor e Graça - Carne e Espírito*

O objetivo deste capítulo é mostrar que a Teologia Moral como o Concílio Vaticano II não aceitam a dicotomia feita entre carne e espírito, tão comum no pensamento teológico dos últimos séculos, em que predominava o regime de cristandade.

Foi escolhido, da obra do Pe. Henri Caffarel, embora escrito antes do Concílio, o livro *Amor e Graça*, que é composto por uma coleção de artigos dirigidos aos casais das Equipes de Nossa Senhora (ENS), em que é rejeitada essa dicotomia tão aceita pela teologia anterior ao Concílio.

O artigo *Carne e Espírito* foi o de maior relevância, porque aborda de maneira muito clara o assunto proposto pela semana de Pós-Graduação: *Ética e Corporeidade*.

Logo em seus primeiros parágrafos, Pe. Caffarel afirma "*O homem é um todo, uma unidade. Toda fórmula dualista que afirma ser a criatura que Deus fez à sua imagem, composta de duas realidades justapostas (já não dizemos opostas), deve ser rejeitada*" (*Amor e Graça*, p. 20).

Com essas palavras, Pe. Caffarel além de eliminar o dualismo, valoriza a corporeidade e a conjugalidade, realçando o valor do corpo no amor humano.

Certamente, a doutrina cristã dificultou a compreensão do homem como um todo, pois muitas vezes coloca a carne como uma inimiga a ser destruída. Essa doutrina muito comum entre os cristãos existe sob forte in-

fluência "do jansenismo e de certos pensamentos pessimistas de Santo Agostinho" diz o Pe. Caffarel.

Jansenismo foi uma heresia rigorista e extremista proveniente de uma falsa leitura da doutrina de Santo Agostinho feita pelo bispo de Ypres, Cornélio Jansênio (1585-1638), sobre a Graça, o livre arbítrio e a predestinação. Essa doutrina surge pela primeira vez na obra póstuma de Jansênio, Augustinus, que foi difundida por dois padres franceses Antoine Arnaud e Pasquier Quesnel.

O centro de difusão do pensamento jansenista foi o convento de Port-Royal, perto de Paris e dirigido pela abadessa, irmã do padre Arnaud. O jansenismo nega o livre arbítrio, pois não se pode aceitar ou rejeitar a Graça Divina; mesmo o justo, não pode guardar alguns mandamentos; a penitência é pública e deve ser cumprida antes mesmo da absolvição.

O rigor do jansenismo é de tal ordem que, em seu crucifixo, os braços do Cristo estão para cima, indicando que Jesus Cristo morreu apenas para um grupo de escolhidos. Essa doutrina foi condenada, porém os jansenistas nunca se sentiram afastados da Igreja e seu pensamento influenciou muito a Teologia, daí a alusão feita pelo Pe. Caffarel.

Mesmo vivendo num mundo exageradamente permissivo, esse rigorismo nascido no século XV ainda está presente em alguns setores da Igreja, fazendo com que o escrúpulo prejudique pessoas frágeis, levando-as a se afastar dos sacramentos.

Quando surgiu essa linha de pensamento, o sacerdote era um professor que ensinava uma religião de normas e regras, religião que tinha muito de princípios e quase nada de Bíblia, a Teologia Moral baseava-se em uma coleção de normas costumes e tradições. Continha muito subjetivismo e pouca estrutura teológica.

Caffarel faz alusão ao jansenismo para reforçar a importância da doutrina cristã, que em sua essência nunca prega a dicotomia, pelo contrário, afirma que tanto a carne como o espírito precisam ser evangelizados.

Desde os primeiros tempos do cristianismo, o ser humano era visto como um todo, não sendo feito de dois elementos contraditórios ou opostos. Corpo e espírito formam uma unidade. O ser humano é um corpo animado por uma alma.

Para Caffarel o cristianismo não divide o ser, pelo contrário, à medida que o aproxima do ato criador de Deus, torna-o capaz de viver à sua imagem e semelhança. Deve haver,

no entanto, uma hierarquia em benefício do espírito, para que haja um equilíbrio no ser humano total. O rompimento desse equilíbrio é o pecado "a condição humana é determinada por dois acontecimentos históricos: pecado e resgate", afirma Caffarel (p. 21).

Para ele, o exercício da liberdade requer educação, paciência e perseverança, "é preciso uma lenta educação, uma conquista progressiva do humano pela Graça" (p. 25).

3.2 Amor e Graça - Grandeza e exigências do amor

Muitas vezes, as exigências da carne podem parecer uma tirania que gera dificuldades para o homem. Para Caffarel, São Paulo nunca condenou a carne numa visão unilateral, pois o que Paulo chama de carne é o homem em situação de pecado "Sou carnal vendido como escravo ao pecado" (Rm 7,14). Caffarel convida os casais a evocar Paulo que diz: "Completo em minha carne o que falta à paixão de Cristo, por seu corpo que é a Igreja" (p. 21).

A economia da redenção devolve ao corpo sua dignidade de associado da alma e torna o homem total, composto de corpo e alma, templo vivo do Espírito Santo.

O cristianismo não divide o ser, não mutila o homem, mas o coloca na condição de viver como imagem e semelhança de Deus. Se de um lado o cristianismo previne sobre os desvios que o domínio da carne pode acarretar, por outro adverte sobre o orgulho do espírito ou de qualquer tipo angelismo que possa vir a existir

É pela graça que há a restauração da humanidade decaída pelo pecado, é pela Graça que é restituída à carne sua vocação de viver as obras supremas do amor.

O ato conjugal deve ser o coroamento da união dos corações e a expressão máxima do amor existente entre marido e mulher. No ato conjugal há a realização e o encontro das três finalidades do sacramento do matrimônio: o aperfeiçoamento total dos esposos, a paz do corpo e da alma e a propagação da espécie.

No entanto, o ato conjugal tem qualidade se não é mau em si mesmo, não quer dizer que sempre seja bom, e nunca pode ser indiferente. Para Caffarel, "um grande princípio da Moral Cristã é que não existe ato indiferente". O ato conjugal pode ser um acréscimo da graça de Deus na vida do casal, como também pode "trair sua vitalidade sobrenatural".

Sendo expressão de amor, o ato conjugal só pode ser um ato livre; nele, o instinto não deve ser o único a se exprimir de acordo com sua necessidade momentânea; precisa ser um ato de adesão total para se poder, usando-se a linguagem bíblica, conhecer o outro. Caso haja uma tirania sensual sem freios e apenas a busca de prazer físico (que é necessário mas não como única finalidade da relação sexual), esse ato humano tão sublime passa a ser um ato mutilado e animalizado.

Para a realização plena dos esposos, é preciso haver uma lenta e progressiva educação a dois. Caffarel diz que Deus é educador, por isso não pede a seus filhos que se tornem santos de um dia para outro, daí o carisma das equipes ser a santificação do casal. A santificação é um processo que percorre um longo caminho no decorrer da vida conjugal.

A vida conjugal é dinâmica; evolui e se modifica ao longo dos anos. Quando somos crianças falamos e agimos como crianças, quando somos jovens falamos e agimos como jovens, assim também ocorre na idade adulta e na velhice.

Para viver plenamente a conjugalidade, a Graça de Deus tem que estar presente. Sem ela, é impossível ven-

cer os embates da vida. Sabe-se que todo o casal passa por momentos em que se faz necessário viver a continência. Esses momentos são, ainda que pareça incrível, muito mais comuns do que se imagina: plantões, doenças, viagens, *stresse* provocado pela vida agitada desse final de século, tudo isso povoa a vida dos casais de todas as idades, impedindo que durmam sob o mesmo teto todos os dias.

Caffarel diz que para viver a continência no sacramento do matrimônio é preciso muito treino. Diz ele que, muitas vezes, os casais fracassam no esforço em viver a castidade conjugal, porque negligenciaram em outros setores da vida. Faz, também, um relacionamento dos insucessos com os "*pecados prediletos*", ou seja, se não se consegue dominar os vícios como o fumo, o álcool, o consumismo, o conforto, a gula e outros, como vai ser possível, quando necessário, viver a castidade conjugal?

Ao terminar o artigo *Carne e Espírito*, Caffarel tece um relacionamento entre a pureza do lar e a pureza da vida religiosa. Lembra que nas horas difíceis porque passam os casais, eles nunca devem se esquecer que o sacramento do matrimônio concede o direito da Graça sacramental, tão bem

lembrado pela encíclica *Casti Connubii*, que diz: "*concede um direito ao socorro atual da graça cada vez que dele tiverdes necessidade*".

Para Caffarel, só é possível harmonizar corporeidade e conjugalidade se o casal tiver uma intensa vida espiritual onde tudo se entrelaça. Pelo poder da oração conjugal, a pureza no lar será vivenciada, a infidelidade afastada e a continência possível, quando necessária. "*O critério do amor deve ser procurado na vontade de doação total ao seu cônjuge e na fidelidade à fé jurada*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou a importância da corporeidade e da conjugalidade para a realização plena do Sacramento do Matrimônio. Mostrou também que a conjugalidade, termo muito usado no movimento das Equipes de Nossa Senhora, é outro elemento que faz parte da essência do Matrimônio cristão, pois é pela conjugalidade que marido e mulher, tão diferentes um do outro, se tornam uma só carne e um só coração.

Corporeidade e Conjugalidade são realidades diferentes que se complementam e que devem, no casamento cristão, estar absolutamente entrelaçadas.

Assim o livro do *Cântico dos Cânticos*, mostrou como a corporeidade e a conjugalidade presentes na vida do casal, descritas de forma tão poética, é vivida com naturalidade. Na beleza de seus versos, esse poema traduz a liberdade, a pureza, a alegria e a fidelidade existente no amor do amado pela amada e da amada por seu amado.

A reflexão sobre a perícopa já citada da Carta a Diogneto, documento dos primórdios da Igreja, em que não há dicotomia entre alma e corpo; mostrou como a conjugalidade e a corporeidade estão presentes, fazendo com que os primeiros cristãos se diferenciem dos judeus e dos pagãos.

Finalmente, o pensamento de Caffarel a respeito da corporeidade e da conjugalidade mostra, também, a presença e necessidade da Graça de Deus e da oração para o casamento cristão.

Um casal vive cristãmente a corporeidade e a conjugalidade quando faz transbordar em seus corpos seu carinho e seu amor, que se traduzem desde um olhar, um sorriso, um afago, até o máximo da expressão do amor humano que é a relação sexual. É também, pela corporeidade e pela conjugalidade que o casal transmite e

expressa seu amor durante o tempo de continência maduramente consentido.

A conjugalidade faz com que marido e mulher vivam todas as etapas da vida nas quais, de maneira dinâmica e processual, seus corpos vão se modificando ao longo dos anos; por ela o casal leva ou carrega junto tudo o que a vida propõe, tanto alegrias como tristezas.

Corporeidade e conjugalidade bem afinadas tornam possível viver intensamente as promessas feitas ao pé do altar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de nossa vida.

Os três textos pesquisados mostram que a essência da vida cristã é o seguimento de Jesus Cristo. O corpo na alma, o cristão no mundo, assim como marido e mulher são prefigurações da união indissolúvel que existe entre Cristo e a Igreja.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulinas, 1973.

CAFFAREL, Henri. *O amor e a Graça*, São Paulo: Flamboyant, 1961.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, Petrópolis: Vozes, 1991.

JOÃO PAULO II. Papa. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*, 4 ed., São Paulo: Loyola, 1995.

JOÃO PAULO II. Papa. *Carta Encíclica Veritatis Splendor O Splendor da Verdade*, 3ª ed., São Paulo: Loyola, 1994.

PADRES APOLOGISTAS. [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin], São Paulo: Paulus, 1995.

RAVASI, Gianfranco. *Cântico dos Cânticos* [tradução José Raimundo Vidigal], São Paulo: Paulinas, 1988.

SARAIVA, Altimira de Sampaio Pinto. *Conjugalidade* [Trabalho de Síntese Teológica São Paulo: 1997].

TÜCHLE, Germano. Reforma e Contra-reforma, in: *Nova História da Igreja*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1983.

Altimira de Sampaio Pinto Saraiva é Mestranda em Teologia Moral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, S.P.

COM MARIA NO TERCEIRO MILÊNIO

Pe. Dr. Pedro Iwashita CSSp

1. INTRODUÇÃO

Com o sim de Maria (Lc 1, 38), há dois mil anos, teve início a história do tempo cristão, do tempo da Igreja (TM 10), cujo jubileu estamos para celebrar em breve. Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, é o centro da catequese primitiva (At 2, 14-36). O jubileu é, portanto, o Jubileu do Mistério da Encarnação e da Redenção (TM 1), para cuja realização, a Virgem Maria de Nazaré, contribuiu com todo o seu ser, com toda a sua vida de israelita, filha de Abraão, filha de Sião¹, sendo a Mãe do Verbo Encarnado, primeira discípula de Jesus Cristo², membro eminente da Igreja (At 1, 14), proclamada MÃE DA IGREJA³ por Paulo VI, a 21 de novembro de 1964, presença ativa e

exemplar na vida da Igreja⁴, e peregrina e nossa companheira de caminhada. Tudo isso mostra a importância da pessoa de Maria no mistério da Salvação, e de sua presença na vida da Igreja e de cada cristão. Procuraremos refletir, aqui, como Maria está presente na Igreja e como a própria Igreja tem se preparado para o culto a Maria, do limiar do terceiro milênio, e ainda a pergunta intrigante, se se é justificável a continuidade do culto a Maria no terceiro milênio.

2. O FILHO DE DEUS ENCARNADO E MARIA, SUA MÃE, NO CENTRO DA HISTÓRIA

Primeiramente, é importante constatar que o Novo Testamento coloca não somente Jesus Cristo, mas tam-

¹ Cf. RATZINGER, Joseph, *Die Tochter Zion. Betrachtungen über den Marienglauben der Kirche*, Johannes Verlag Einsiedeln: 1990; cf. tb JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater*, 8.

² Cf. PAREDES, José Cristo Rey García, "María, primeira discípula y seguidora de Jesús", in: *EphMar XLVII*, 1997, janeiro-junho, pp. 35-56.

³ AAS 56 (1964), 1015. Cf. tb. *Documentation Catholique* (D.C.) 6/12/1964, 1544: "É então para a sua glória e para o nosso consolo que nós proclamamos a Santíssima Virgem Maria MÃE DA IGREJA, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que nós a chamamos Mãe muito amada; e desejamos que, doravante, com este título tão suave, a Virgem seja ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão".